

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPÓSITO DA LAVRA DO OURO NA PROVÍNCIA DE TRÁS-OS-MONTES DURANTE A ÉPOCA ROMANA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1954 | Número: 64

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A Propósito da lavra do ouro na Província de Trás-os-Montes durante a época romana. *Revista de Guimarães*, 64 (1-2) Jan.-Jun. 1954, p. 113-141.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A propósito da lavra do ouro na Província de Trás-os-Montes durante a época romana (*)

Por MÁRIO CARDOZO

É bem conhecida a abundância e riqueza dos jazigos de minério na Península Hispânica, especialmente do estanho, na região do norte de Portugal e na Galiza, e do cobre no sul de Portugal e sudoeste de Espanha.

A esta riqueza mineral corresponde, desde remota antiguidade, uma actividade de explorações mineiras, que o contacto dos povos do Oriente mediterrâneo com a Hispânia — aqueles já então peritos no trabalho dos metais — contribuiu para desenvolver intensamente (1), provocando o florescimento da indústria metalúrgica na Península, e dando origem ao estabelecimento de intensas relações de comércio com outras regiões distantes, extra peninsulares, tráfico que alcançou notável expansão mediante o intercâmbio por via marítima, ao longo da costa atlântica, entre o empório de Tartessos e o Noroeste, e entre este, através do Mar Cantábrico, com a costa francesa (estuários do Garona e do Loire, e Bretanha), com o sul da Inglaterra e com a Irlanda.

(*) Comunicação apresentada ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas. Madrid, Abril de 1954.

(1) Schulten diz que a exploração mineira mais antiga do Ocidente não pode proceder dos indígenas, mas sim dos homens do Oriente que, muito antes daqueles, já conheciam e trabalhavam os metais (*Tartessos*, Madrid, 1945, 2.^a ed. pág. 17 e nota). Foram por certo esses navegadores comerciantes orientais, atraídos pela riqueza mineral da Hispânia e possuindo conhecimentos já muito completos da metalurgia, que transmitiram os rudimentos desta indústria aos habitantes da nossa Península.

Contudo, muito anteriormente a esta actividade da Península no sentido do aproveitamento dos metais, especialmente do cobre e do estanho, indispensáveis ao fabrico dos instrumentos de bronze, já desde o Neolítico, esses e outros minérios aqui eram procurados ⁽¹⁾, não para, mediante a fundição, se obterem as ligas metálicas, técnica que os nossos antepassados pré-históricos ainda então desconheciam, mas para serem utilizados e trabalhados a frio, no estado nativo, tais como o cobre, a prata, o ouro, etc. ⁽²⁾.

(1) Os Srs. Veiga Ferreira e Albuquerque e Castro, num trabalho publicado em 1949, descrevem um pilão de anfibolite, de triturar minério, encontrado nas minas do Tuela, que consideram da época neolítica (*Notícia sobre um pilão de minérios pré-histórico*, in «Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço do Fomento Mineiro», Porto, 1949).

Contudo, Guilherme Gossé (*Las minas y el arte minero de España en la antigüedad*, «Ampurias» Barcelona, 1942, tomo IV, pág. 47-48) diz, referindo-se a martelos semelhantes encontrados en El Argar: «El hecho de que estos martillos sean de piedra hizo suponer que datan de la Edad de la Piedra, o por lo menos, de un período casi tan antiguo. Sin embargo, es imposible admitir semejante conclusion. Desde luego tampoco se puede negar que algunas de estas herramientas sean, tal vez, préhistoricas, pero hay que admitir que en su inmensa mayoría pertenecen a la Edad del Hierro».

Em seguida cita vários achados de ferramentas de ferro misturadas com outras de pedra, chegando inclusivamente a duvidar que alguns desses martelos de pedra tenham qualquer relação com o trabalho da indústria mineira.

Na época romana a trituração da rocha metalizada fazia-se principalmente pela percussão com martelos, ou já por um processo de maior rendimento, utilizando mós giratórias de granito rijo, chamadas *asinariae* ou *rotas trusatiles*, que eram accionadas pelo homem ou pela tracção animal (L. Saunier, *Acerca de las antiguas explotaciones de oro en España*, «Boletín de la Comisión Prov. de Mon. Hist. y Art. de Orense», Orense, tomo IV, 1910, pág. 102).

(2) O investigador espanhol Sr. Luis Monteagudo afirma o seguinte, num recente e notável trabalho sobre *Metalurgia hispana de la Edad del Bronce, con especial estudio de Galicia y norte de Portugal*, in «Caesaraugusta», Saragoça, 1954, p. 55 e ss.: «En el Bronce I, acaso ya en Almería I (El Gárcel), el hombre empezó por hacer pequeños instrumentos de cobre nativo por martilleo, luego aprendió a unir trocitos por fusión a 1100° C.; pero la verdadera metalurgia surge cuando aprendió a fundirlo en cantidad en crisoles para verterlo en moldes».

Estas pesquisas, especialmente as dos metais nobres, foram-se intensificando no decorrer das Idades do Bronze e do Ferro, e atingiram o máximo da exploração na época romana, quando a magnífica província do Império que então era a Hispânia — após a sua pacificação e ocupação definitivas — contribuía em excepcional escala, e como nenhuma outra, para o enriquecimento do erário público de Roma, podendo afirmar-se, de harmonia com o testemunho dos textos dos antigos historiadores e a confirmação das investigações arqueológicas modernas, que a Península, muito especialmente nas regiões da Galiza e Astúrias, norte de Portugal e parte da Estremadura, foi, relativamente à produção do ouro, um verdadeiro *El-Dorado*, durante grande parte dos tempos proto-históricos.

No período mais antigo do aproveitamento do ouro peninsular, o precioso metal era apenas recolhido em pepitas, extraídas das areias auríferas de certos rios, como o Sil, o Minho, alguns afluentes do Douro, o Tejo, etc. ⁽¹⁾, e só muito mais tarde começou a exploração dos filões subterrâneos ⁽²⁾, processo que então chegou a atingir o maior incremento, bem patente, ainda hoje, em numerosos vestígios de escavações praticadas com essa finalidade, principalmente nos tempos romanos, como acabamos de dizer.

De um modo geral, a primitiva exploração dos metais então utilizados, revela-se tanto nos vestígios das antigas lavras mineiras, como nos da indústria

(1) Gomez-Moreno, *Oro en España*, «Archivo Español de Arqueología», Madrid, 1940-41, tomo XIV, pág. 461. Veja-se também H. Quiring, *Das Gold im Altertum*, «Forschungen und Fortschritte», 1942, pág. 55.

(2) Referimo-nos aqui apenas à exploração do ouro, porque já desde recuados tempos o homem pré-histórico, muito antes do conhecimento dos metais, procurava o sílex nas camadas subterrâneas, perfurando poços e abrindo galerias. (Vide p. ex., G. Gossé, *Las minas y el arte minero de España* cit. pág. 43-44, e Paul Choffat, *Exploitation souterraine du silex à Campolide aux temps néolithiques*, «O Arch. Português», Lisboa, vol. XII, 1907, pág. 338).

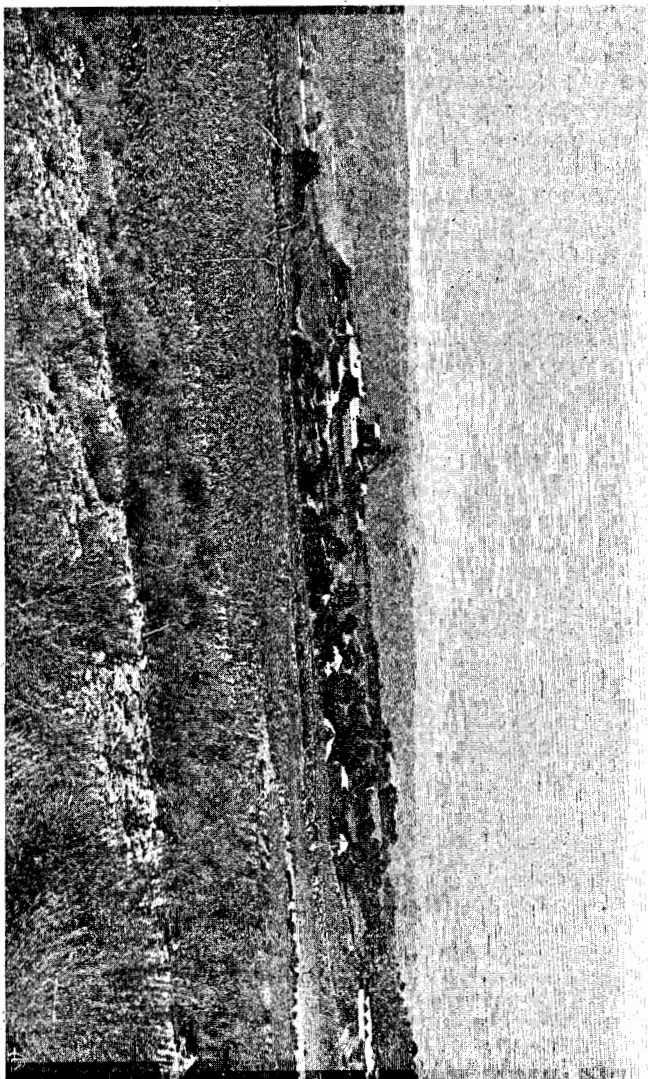


Fig. 1 — O Campo de Jales, Concelho de Vila Pouca de Aguiar, vendo-se as actuais construções da mina de ouro, já também explorada nos tempos romanos. Ao fundo, no último plano, à direita, a Serra de Padrela

metalúrgica, confirmada entre nós pelos achados de inúmeros instrumentos típicos, de fabrico indiscutivelmente indígena, embora alguns dos seus protótipos possam ter sido introduzidos, ou pelo menos influenciados por culturas estranhas; confirma-se também no achado de moldes de fundição, de cadinhos (Fig. 9) e de escórias metálicas, indicadoras de oficinas de fundição locais; finalmente, em numerosas jóias de prata e ouro, inconfundíveis com as provenientes de qualquer origem extra-peninsular.

Raras serão as mais antigas minerações de Portugal, algumas delas ainda hoje em laboração, que não nos tenham revelado provas de o seu começo de exploração remontar à Idade do Ferro, ou mesmo à do Bronze ⁽¹⁾. Sem pretendermos fazer referência a quantos restos de explorações mineiras, romanas e anteriores, existam ainda na nossa Província de Trás-os-Montes, vamos analisar, como exemplos curiosos e característicos relativamente à extracção do ouro, quatro dessas antigas explorações, cujos vestígios estão ainda bem patentes. A zona aurífera do norte da Península nasce na província de Oviedo, atravessa as de Lugo, León, Orense e Zamora, e vem terminar precisamente na província portuguesa de Trás-os-Montes ⁽²⁾.

Começaremos por aludir à chamada *Mina de Jales*, ainda actualmente em exploração, no Concelho de Vila Pouca de Aguiar, freguesia de Alfarela de Jales. Fica situada no Campo de Jales, que é um extenso planalto, a 12 quilómetros de Vila Pouca (Fig. 1). Encontraram-se ali, no decorrer de trabalhos modernos, várias galerias de mina, trincheiras e poços, praticados em época re-

(1) Rui de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal*, comunicação apresentada em Londres, em 1932, ao I Congresso Int. de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, publicada nos «Anais da Fac. de Ciências do Porto» em 1933; *Explotaciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal*, «Investigación y Progreso», Madrid, 1933, pág. 177.

(2) H. Quiring, *El laboreo de las minas de oro por los romanos en la Península Ibérica y las arrugas de Plinio*, «Investigación y Progreso», Madrid, 1935, pág. 8.

mota (Fig. 2), alguns deles possivelmente anteriores à ocupação romana do território, visto que, entre os diversos objectos característicos dos tempos proto-históricos que lá foram recolhidos, se conta um de época mais recuada, constituído por um machado de bronze, de talão e dupla aselha, do chamado tipo



Fig. 2 — *Uma das galerias romanas da mina de ouro de Jales.*

galaico-português (Fig. 3). Este machado, bem como os restantes objectos ali encontrados, pertencentes na sua maioria à época romana, já do século I de J. C., estão actualmente depositados num dos escritórios daquela Empresa mineira.

São eles constituídos por:

- Uma grande fivela circular de bronze (Fig. 4).
- Uma lucerna de barro, de meados do séc. I A. D., de fabrico grosseiro, desprovida de *ansa* e

com volutas no *rostrum* (Fig. 5). O achado de lucernas nas antigas explorações mineiras não é raro ⁽¹⁾.

— Parte de uma pequena *sítula* de bronze, mostrando no bordo os orifícios para a entrada dos rebites, que seguravam as asas que lhe faltam (Fig. 5).

— Um grande bolo de chumbo.

— Um aro de ferro com duas aselhas (Fig. 6), o qual constituía o arco superior de um balde ou selha de madeira ⁽²⁾.

— Dois pesados picos-martelo, de ferro, (*acisculi*) (Fig. 7), e parte de um terceiro ⁽³⁾.

— Uma roldana de madeira (Fig. 8) de um sarilho, naturalmente destinado a içar do fundo dos poços os cestos com minério,

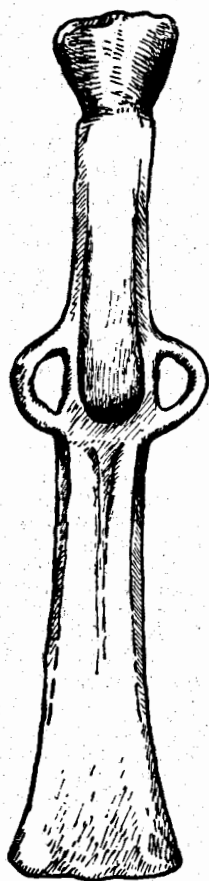


Fig. 3 — Machado de bronze, de talão e dupla aselha, encontrado na Mina de Jales.

(1/2 do tam. nat.)

(1) G. Gossé, *op. cit.*, pág. 48.

(2) São conhecidos, por alguns achados, baldes de diversas formas e materiais usados na época romana, para retirar água dos poços. Cagnat cita um de madeira e aros de ferro procedente de Berry (*Manuel d'Arch. Romaine*, Paris, 1920, vol. II, pág. 440, fig. 637), e G. Gossé (*Op. cit.*, pág. 55 e Lam. VI) reproduz dois, de tecido de esparto alcatroado, achados na mina de Mazarón (Múrcia) e actualmente depositados no Museu Arqueológico de Madrid. (Fig. 9).

(3) No Museu Arqueológico Nacional de Madrid vimos picos-martelo de ferro exactamente do mesmo tipo destes de Jales (Vide fig. 9). O mesmo se verifica no Museu de Cartagena (fig. 7).

ou os baldes utilizados para a extracção da água que brotasse no interior da mina ⁽¹⁾.

—Um fragmento de casaco ou colete de couro ⁽²⁾.

—Parte de um vaso ornamentado, de «terra sigillata» (forma 29 de Dragendorff), com a marca do oleiro IVLLVS (Fig. 10), oficina de Montans (meados do séc. I A. D.), e alguns fragmentos mais ⁽³⁾.

*

Outra exploração aurífera transmontana, hoje abandonada, é a dos chamados *Lagos da Ribeirinha*. Fica a uns 6 quilómetros da Mina de Jales,

(1) O esgoto da água, que tanto dificulta o trabalho mineiro, fazia-se por galerias cavadas horizontalmente, quando era possível, ou a braço por meio de baldes, ou ainda por meio de máquinas elevatórias. Roldanas de madeira semelhantes à de Jales, cordas e outros acessórios destinados a este fim foram encontrados na antiga exploração da Mina de Mazarrón (Múrcia). (Vide G. Gossé, *op. cit.*, pág. 55 e Est. VII; e A. Beltran Martinez, *Memorias de los Museos Arqueologicos provinciales*, Madrid, 1945, vol. V, lam. LXV, n.ºs 7 e 8).

(2) É regularmente conhecida a indumentária dos mineiros. Nas minas de Palazuelo (Linares), na região da antiga *Cástulo*, foi descoberto um baixo-relevo representando uma série de mineiros, cujo vestuário claramente se pode ver (*Historia de España*, dirigida por Menendez Pidal, Madrid, tomo II, 1935, pág. 341, fig. 220). Na mina chamada *La Fortuna*, perto de Mazarrón (Múrcia) foram encontradas sandálias, joelheiras e um barrete, tudo de esparto entrançado (G. Gossé, *ob. cit.*, pág. 53 e Lam. V).

(3) A lucerna, o vaso de bronze e o fragmento de «terra sigillata» foram em 1937 publicados por Augusto de Melo Nogueira, num artigo a que deu o título de *Uma exploração de minas de ouro da época romana* («Revista de Arqueologia», Lisboa, vol. III, 1936-37, pág. 201). Informa nesse artigo que, dois anos antes, aqueles objectos tinham sido enviados, por um dos concessionários da Mina, ao British Museum para estudo, e acompanha esta informação com o documento que aquele Museu de Londres remetera, assinado pelo Dr Christopher Hawkes, então «assistant keeper» daquele estabelecimento e actualmente Prof. em Oxford. Parece que não teria sido preciso ir tão longe para se obter a classificação tipológica e cronológica destes objectos, triviais para qualquer modesto estudo de arqueologia romana.

na recta orientada na direcção N.O., e nas proximidades da humilde povoação de Três-Minas, que apenas contará uns vinte fogos, constituídos por pequenas casotas, de paredes de xisto, agrupadas em volta de uma singela igrejita de traça românica do último período. O povo do lugar pronuncia *Tresmines*, ou *Trasmines*, com *e* e *a* mudos, mas querem alguns linguistas que este nome toponímico deva

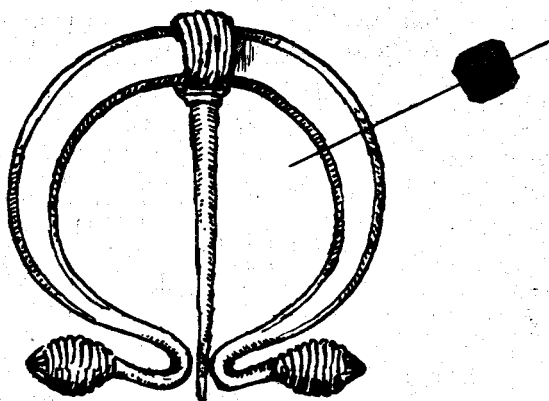


Fig. 4 — Grande fivela circular, de bronze, encontrada na Mina de Jales.

(Tam. nat.)

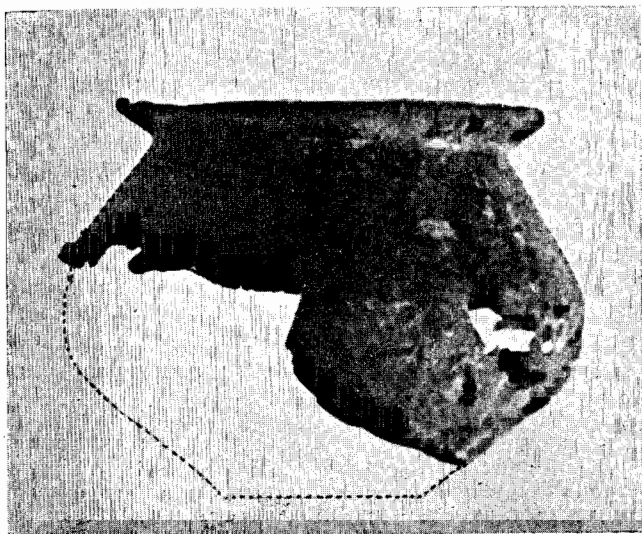
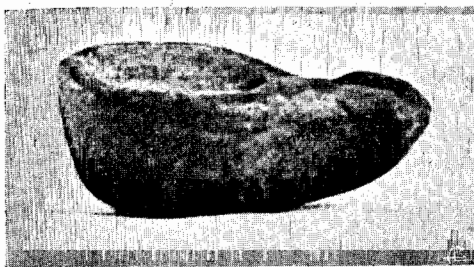
ser *Trás-Minas*, isto é, «atrás das minas», e não *Três-Minas*, derivado do número de explorações mineiras locais, como dizem outros, pois parece terem sido mais que três as minas da região, encontrando-se estas, de facto, a uns 2 quilómetros do povoado, *que lhes fica atrás*, nas estribações sul da Serra de Padrela, cujo ponto culminante, a norte, atinge 1147 metros de altitude. Todavia, este topónimo que em documentos medievais aparece com a forma do patroní-

mico *Transmires* ou *Transmiriz*, parece ser derivado do nome pessoal germânico latinizado *Transmirus* ⁽¹⁾.

Há bons dez anos que visitámos tanto a Mina de Jales como esses Lagos da Ribeirinha. Os *Lagos*, assim chamados pelo povo, são três enormes escavações orientadas na direcção SE.-NO. Dois deles, os maiores, são de um tamanho impressionante, tais como duas formidáveis crateras de 400 a 500 metros de diâmetro, com uns 150 de profundidade. Uma obra destas proporções deveria, por certo, ter sido executada em regime de trabalho escravo (*damnatio ad metalla*), e o mineiro indígena andaria ali compelido, sob o látigo romano ⁽²⁾. Dizia o humanista Con-

(1) Empregado como antropónimo, encontra-se este nome, com a forma *Transmirus* e *Trasmirus* em documentos da segunda metade do séc. x e começos do xi, constantes do Cartulário chamado «Livro de Mumadona» pertencente ao Arquivo da Colegiada de Guimarães, hoje integrado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Vide *Vimaranis Monumenta Historica*, documentos n.os VIII, XVI e XX). Como nome geográfico, sob a forma *Transmires*, *Transmiriz*, *Trasmires*, aparece, por exemplo, em 1220, em documentos das Inquirições de D. Afonso II. (Vide *Portugalliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, pág. 41, 2.^a col.). O Prof. J. Piel considera igualmente o topónimo Tresmil (povoação do Concelho de Fafe) como derivado do patronímico de *Trasmiro* (*Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, «Boletim de Filologia», Lisboa, 1944, Tomo VII, fasc. 4, pág. 368).

(2) Na mina de Mazarrón (Murcia) foram encontrados muitos ossos humanos e entre eles uma tibia com uma argola de ferro. Nas minas de cobre de Huelva apareceram também cadeias de ferro e argolas destinadas certamente aos escravos condenados a trabalhos mineiros (Vid. fig. 9). Plínio mencionando a exploração das minas de prata em Espanha na época de Anibal, algumas das quais ainda no seu tempo se encontravam em laboração, diz que uma delas, chamada *Baebulo*, produzia 300 libras diárias (cerca de 100 quilos) e as galerias já se estendiam por 1.500 passos (2.200^m). Aludindo ao pessoal que ali trabalhava, dia e noite, num esforço brutal, informa que ele era constituído por aquitanos (*Nat. Hist.* XXXIII, 97, «sem dúvida escravos ou prisioneiros de guerra», acrescenta García y Bellido no seu comentário (*La España del siglo primero de nuestra era*, Madrid, 1947, pág. 277). *Nihil novi sub sole!* Hoje, apesar de todos os requintes de civilização e progresso material a que a Humanidade chegou, os princípios ético-sociais são os mesmos de há vinte séculos, pois ainda hoje há nações ditas civilizadas que adoptam como outrora aqueles processos bárbaros de tratar prisioneiros de guerra!



*Fig. 5 — Lucerna de barro e parte de uma situla de bronze
aparecidas na Mina de Jales.*

(A situla está reduzida a cerca de metade do tamanho natural).

tador de Argote, na primeira metade do século XVIII, referindo-se a estas extensas explorações: «He obra tão grandiosa, que se está conhecendo ser grande o

poder que para ella concorreo» (1). E mais adiante: «Nem obras tão custosas se haviam de obrar senão com grande interesse, qual era o do ouro que os Romanos tiravão das minas de Hespanha» (2).

No fundo dessas enormes cavidades veem-se numerosas entradas das galerias subterrâneas, das quais o mesmo Argote diz que «não havia pessoa que quizesse chegar até verlhe o fim». Corre entre o povo a lenda, a que o dito humanista também alude, de que uma dessas galerias é tão extensa que comunica com a Mina de Jales.

Num dos Lagos da Ribeirinha foi feita, não há muitos anos, uma nova tentativa de extracção de ouro, porém logo abandonada, certamente por não ter dado rendimento compensador. Vê-se que os primitivos pesquisadores romanos deixaram a exploração destas minas mais ou menos exausta, o que não é estranhável, pois, segundo Plínio, o Noroeste da Península produzia, só por si, anualmente, um peso de ouro que orçava por 20.000 libras romanas! (3)

Descreve-nos este autor, na sua *História Natural* (4), os três processos de pesquisar o ouro, que os antigos adoptavam: em pepitas, nas áreas fluviais; pela abertura de poços; ou, finalmente, provocando desmoronamentos dos terrenos, *ruina montium* na sua expressão sugestiva. Não resistimos à tentação de reproduzir aqui, em versão livre mas

(1) D. Jerónimo Contador de Argote, *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, vol. II, 1934, pág. 474.

(2) *Ibidem*, 477.

(3) Plínio, *Nat. Hist.* XXXIII, 78. As 20.000 libras romanas de ouro correspondiam a uns 6.500 quilos, pois a libra contava 327,45 gramas (Cagnat e Chapot, *Manuel d'Arch. romaine* (Mesures pondérales), Paris, 1920, II, pág. 256).

Ainda hoje é muito frequente o aparecimento de numerosos objectos de ouro, entesourados na época romana, constituindo valores importantes. Só o tesouro de Caldas de Reyes, aparecido na Galiza em 1940, era formado por um conjunto de peças de ouro — vasos, braceletes, etc., — cujo peso total orçava por uns 30 quilos. (Vide Bouza-Brey, *El tesoro préhistorico de Caldas de Reyes, Pontevedra*, Madrid, 1942).

(4) Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 21,5.

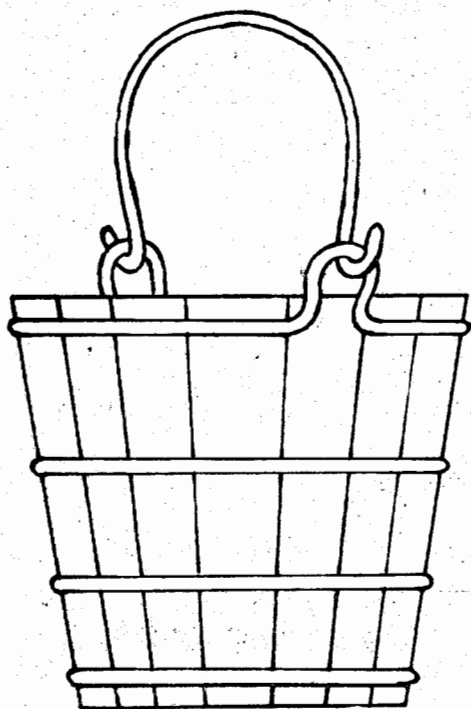
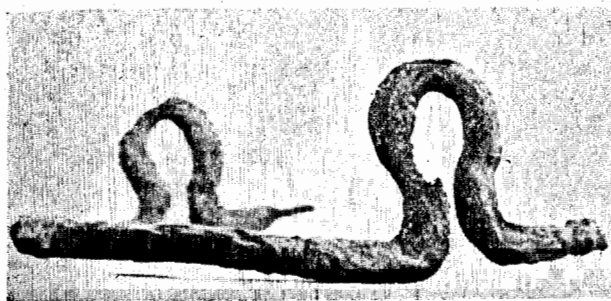
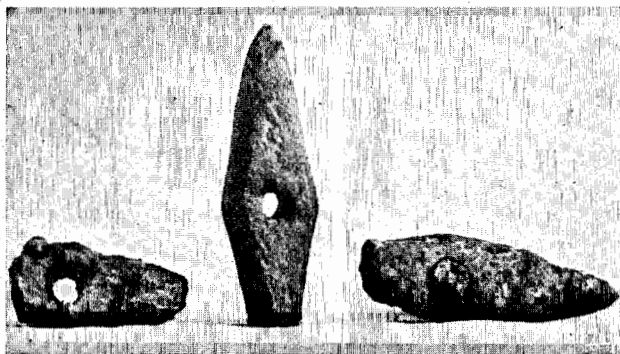
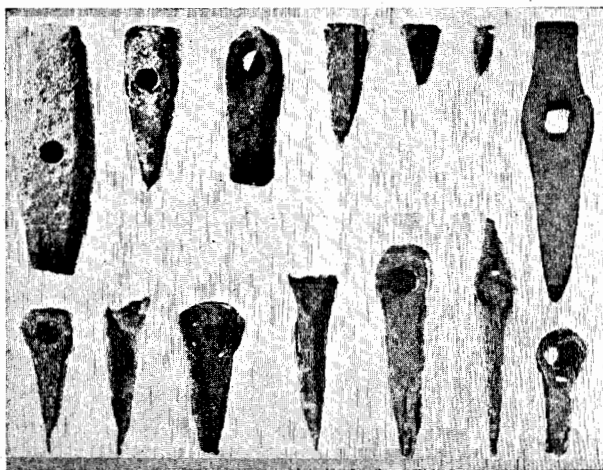


Fig. 6 — *Aro de ferro com duas aselhas encontrado numa galeria romana da Mina de Jales.* (1/4 do tam. nat.)

Em baixo a reconstituição da selha de madeira a que o aro pertenceria.



1



2

Fig. 7 — Ferramentas de mineração romana: picos-martelo, cunhas de ferro, martelos, etc. N.º 1, encontrados numa galeria da Mina de Jales (o do meio mede 28,5 cm. de comprimento). N.º 2, do Museu de Cartagena. (Vide *Memorias de los Museos Arq.*, Madrid, 1945, vol. V, lám. LXII, n.ºs 1 a 14).

fiel, um passo da sua dramática narrativa deste último e perigoso processo, que por vezes não dava tempo aos mineiros de se porem a salvo e ficavam sepultados nesses desmoronamentos: « O terceiro sistema de extracção do ouro (*disse o naturalista romano*) ultrapassa a obra dos próprios gigantes! Por meio de galerias subterrâneas levadas a enormes distâncias, perfuram-se os montes à luz mortíca do azeite das lâmpadas de barro, cuja duração serve para a contagem do tempo de trabalho, pois durante meses seguidos não se avista a luz do dia. Essas câmaras subterrâneas chamam-se *arrugiaie* ⁽¹⁾. Súbitamente, por vezes, abrem-se fendas no terreno, ou dão-se desmoronamentos que sepultam os operários. Muito menos arriscado do que este árduo trabalho, é sem dúvida a procura das pérolas ou das púrpuras no fundo do mar, visto que os homens souberam ir ao encontro de maiores perigos no seio da terra, do que na profundidade das águas. Numerosas abóbadas apoiadas em pilares ficam então sustentando todo o peso das montanhas. Quando, no decorrer do trabalho, se encontram paredes de sílex, são estas fracturadas por meio do fogo e do vinagre; mas como, no interior dos longos subterrâneos, o vapor e o fumo sufocam por vezes os mineiros, a rocha é então destruída com o auxílio de engenhos que movem malhos de ferro de 150 libras de peso. Em seguida, os fragmentos da pedra são conduzidos ao ombro, noite e dia, e passados de homem a homem, na escuridão, pois só os mineiros postados à entrada das galerias avistam o sol. Se a barreira de sílex apresenta grande espessura, então tem de ser cortada. Mas não é este, muitas vezes, o maior obstáculo a vencer: há uma qualidade de rocha, espécie de argila impregnada de seixos, chamada « terra branca », quase impossível de atacar. É cor-

(1) *Arrugiaie* era uma palavra do idioma indígena dada às explorações do ouro pelo sistema de escavações subterrâneas, que formavam abóbadas sustentadas por pilares. Do mesmo modo as *alutiae*, outra palavra de origem indígena, designavam o sistema de exploração pela lavagem das areias auríferas dos rios.

tada por meio de cunhas de ferro e com os malhos acima descritos. Não se pode imaginar trabalho tão violento como esse, mas a sede do ouro é ainda peor, e para a saciar tudo se arrisca e suporta. Terminada a perfuração, atacam-se finalmente os pilares que sustentam as abóbadas, e o desmoronamento começa a dar sinal. O único homem que se vai apercebendo da próxima queda das terras é um vigia colocado no cimo do monte, que por meio de sinais e gritos avisa os trabalhadores para fugirem, ao mesmo tempo que ele próprio se afasta. Então, a montanha tomba com um fragor incrível, arrastada por um ímpeto de extraordinária força! Os mineiros, vitoriosos, contemplam esta «ruína dos montes»! E, contudo, o ouro não aparece imediatamente. Ninguém sabe mesmo se ele chegará a aparecer, ao iniciar a escavação; mas, apesar disso, para se afrontarem tantos perigos e trabalhos, basta a esperança de se poder vir a encontrar aquilo que com tamanha ambição é procurado » (1).

A uma curta distância dos colossais vestígios das referidas explorações da freguesia de Três-Minas, existe um extenso planalto designado Veiga da Samardã, onde em 1937 apareceram ruínas de numerosas habitações, quando da abertura de uma estrada dos Serviços Florestais, naquela região montanhosa da Serra de Padrela. A uns 300 metros a N.O. des-

(1) Diodoro Sículo (V, 38) dá-nos, tal como Plínio, um quadro trágico de trabalho escravo nas minas, dizendo que os mineiros morriam em grande número, extenuados de cansaço e dos maus tratos que tinham de suportar.

A exploração das minas na época romana, quer estas pertencessem ao Estado, quer a particulares, estaria naturalmente subordinada a uma regulamentação especial, relativa aos direitos de propriedade, organização dos distritos mineiros monopolizados, etc. O achado, em 1876, de uma importantíssima lâmina de bronze, na mina de cobre dos Algarès, em Aljustrel, contendo uma extensa inscrição, que constitui um fragmento da *Lex metalli Vipascensis* (Lei do distrito mineiro de Vipasca), bastante contribuiu para fazer alguma luz sobre este problema, ainda por esclarecer completamente, da organização administrativa romana do trabalho mineiro. (Vide Augusto Soromenho, *La table de bronze d'Aljustrel*, Lisboa, 1877).



1



2

Fig. 8 — Roldanas de madeira contendo aberta a respectiva goivadura para a passagem da corda de içar dos poços as selhas de água ou os cestos de minério: N.º 1, procedente da Mina de ouro de Jales (Trás-os-Montes). N.º 2, da Mina de Santa Isabel (Mazarrón, Múrcia). (Vide *Memórias de los Museos*, Madrid, 1945, vol. V, est. LXV, n.º 7-8).

sas ruínas, a mesma estrada cortou ainda os restos de uma necrópole, o que deu lugar ao aparecimento de várias lápides funerárias, encontrando-se também três magníficas fíbulas de prata, numerosos pregos de ferro, carvões, etc. Esta necrópole teria pertencido, por certo, àquele povoado, tanto mais que da antiga ocupação humana da região, além do testemunho fornecido pelos restos arqueológicos a que nos vimos referindo, existe mais uma prova, qual seja a que nos faculta a denominação arcaica de uma aldeola situada perto, que conserva o sugestivo topónimo de *Cidadelhe*, dado em geral a algumas ruínas dos « castros », e que é, como sabemos, um diminutivo de *cidade*, ou *cividade*, palavra esta derivada do latim *civitas*. (1).

As inscrições das referidas lápides ali encontradas foram publicadas, naquele mesmo ano de 1937, por Leite de Vasconcelos (2). Apesar da atenção que ao sábio e benemérito Arqueólogo mereceram estas lápides, ainda sete anos mais tarde nós as fomos encontrar lamentavelmente abandonadas, perto do local onde apareceram, conduzidas para junto da casa dos Serviços Florestais, e arrumadas entre umas giestas, que felizmente as escondiam e assim as protegiam, de certo modo, contra possíveis vandalismos. Próximo encontravam-se também diversos fragmentos de telha romana, 10 pedras redondas de mós manuais, e uma machadinha-picareta de ferro (Fig. 11), ainda em regular estado de conservação (3), tudo aparecido nas aludidas ruínas da Veiga da Samardã. As inscrições mencionam um *Septimius*, um *Boutius*.

(1) Mário Cardozo, *Alguns elementos para a localização e estudo dos « castros » do norte de Portugal*, « Archivo Español de Arqueologia », Madrid, tomo XX, 1947, págs. 256-257.

(2) *Três inscrições romanas inéditas do Concelho de Vila Pouca de Aguiar*, « Revista de Arqueologia », Lisboa, 1936-37, tomo III, pág. 193.

(3) Instrumento semelhante, destinado ao trabalho mineiro, vimos no Museu Arq. Nac. de Madrid, o qual vem reproduzido na *Hist. de España*, dirigida por Menéndez Pidal, Madrid, tomo II, 1935, pág. 334, fig. 211.

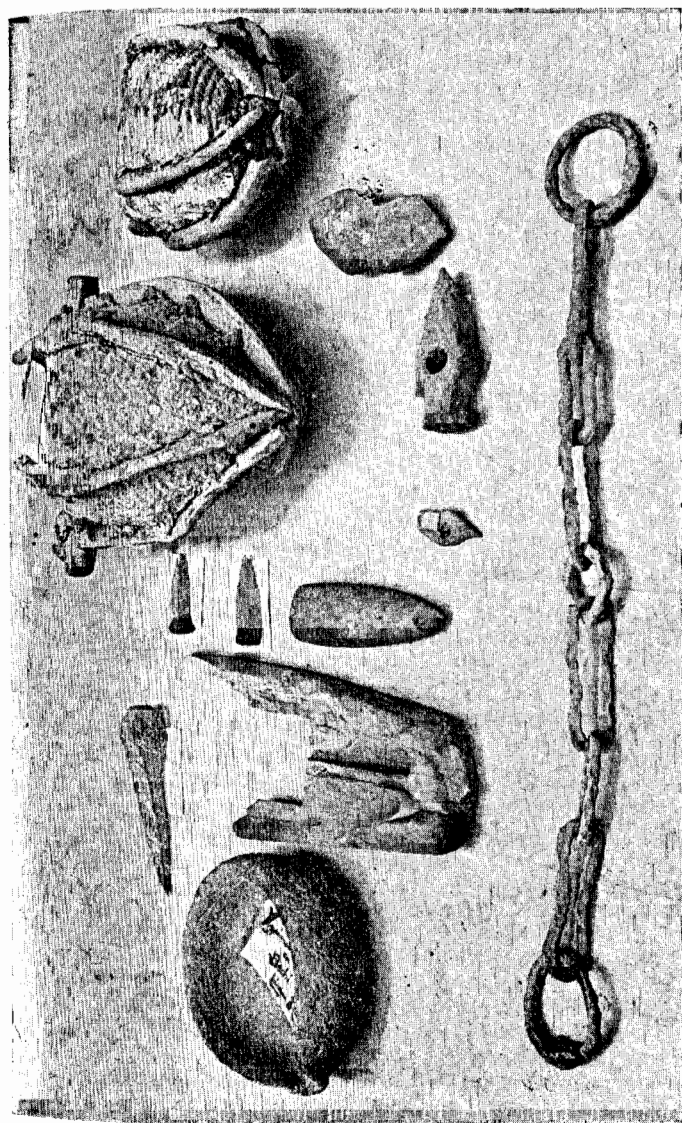


Fig. 9 — Ferramentas e outros objectos (um cadinho de fundição, cestos de esparto, uma grilheta) pertencentes ao Museu Arqueológico Nacional de Madrid, encontrados em antigas explorações mineiras espanholas (Huelva, Córdoba, Cartagena, Múrcia, Cáceres, Santander).
(Fotogr. obsequiosamente cedida pela Direcção do Museu Arq. Nacional de Madrid).

e um *Licinius*, todos indicados como *clunienses* ⁽¹⁾, os quais possivelmente fariam parte de algum agrupamento de mineiros que da cidade celtibérica de *Clunia* (=Coruña del Conde) tivessem sido deslocados para o trabalho das minas desta região transmontana. Argote, ao referir-se às antiguidades ali aparecidas, cita igualmente, entre as inscrições então encontradas no seu tempo, uma que alude também a um cluniense ⁽²⁾. E, além das três publicadas por Leite de Vasconcelos em 1937, vimos ainda, em 1944, o fragmento de uma outra, junto daquelas, por certo aparecida posteriormente, dedicada à memória de um *Niger*, antropónimo não raro na epigrafia latina peninsular ⁽³⁾.

Muito antes destes achados, relativamente recentes, terem lugar, já precisamente há 60 anos um

(1) As três inscrições registadas por Leite de Vasconcelos são:

1. C · SEPTVMIVS / F · CLV · A / XXX / H · S · E
C(aius) Septumius ... f(ilius), Clu(niensis), an(norum)
XXX h(ic) s(itus) e(st).
2. T · BOVTI / O · SEG / ONTI · F / CL · AN · XI · HSE
T(ito) Boutio, Segonti f(ilio), Clu(niensi), an(norum) XI
h(ic) s(itus) e(st).
3. C · LICINIVS / CLVN · AN / XXV · H · S · E
C(aius) Licinius, Clun(tensis), an(norum) XXV h(ic)
s(itus) e(st).

Septumius e *Licinius* são nomes pessoais de formação latina; *Boutius* é antropónimo indígena, que Schulten considera céltico (*Los cántabros y astures y su guerra con Roma*, Madrid, 1943, pág. 113).

Segontius é nome hispânico ligado ao topónimo *Segontia*, cidade dos Arevacos, que estava situada na Tarraconense, um pouco a sul de *Clunia*.

(2) *Mémoires cit.*, vol. II, pág. 480.

(3) *Niger* e *Nigra* são nomes vulgares na epigrafia latina peninsular. A sua origem deve ter correlação com o antropónimo *Afer* (Africano), também vulgar na Hispânia romana. No Museu de Guimarães existe uma lápide consagrada a um *Niger*, que esteve durante muitos anos encastrada na parede da Igreja paroquial de S. Miguel de Creixomil deste Concelho. (É a n.º 5554 do grande Supl. ao vol. II do *Corpus I. L.*).



Fig. 10—*Parte de um vaso de «terra sigillata» ornamentado, encontrado na exploração romana da Mina de ouro de Jales. (Séc. I de J. C.).*

estudioso, Henrique Ferreira Botelho, oferecera a Martins Sarmento duas aras a *Júpiter* procedentes daquela mesma região de Três-Minas, as quais hoje se encontram no Museu de Guimarães, uma delas consagrada ao Pai dos deuses pelos soldados da I Coorte Gaulesa de Cavalaria, e outra pelos soldados da Legião VII Gémina ⁽¹⁾, unidade militar romana que

(1) Toda a bibliografia referente a estas duas aras encontra-se condensada no *Catálogo da Secção lapidar do Museu de Arqueologia da Soc. Martins Sarmento*, por Mário Cardozo (Guimarães, 1935, págs. 47 e 48).

figura também numa das célebres inscrições das colunas da ponte de Chaves (*Aquae Flaviae*) (Fig. 12).

Destes notáveis achados podemos concluir que certamente alguns destacamentos da VII Legião teriam ocupado a zona mineira desta parte do território transmontano, destinados à guarda e defesa das explorações auríferas dos Lagos da Ribeirinha, do Campo de Jales e de outras mais, como as do Poço das Freitas e Outeiro Machado, estas duas situadas próximo da cidade de Chaves. O estabelecimento de tropas da Legião VII Gémina na região transmontana portuguesa é natural, não só porque, depois de pacificada e subjugada toda a Península, parece ter sido essa Legião a única à qual ficou confiada a ocupação definitiva da Hispânia, a partir do último terço do séc. I A. D., mas ainda porque o acampamento permanente destas tropas romanas (que deu origem, como sabemos, à cidade de León) não ficava longe da via militar *Asturica-Aquae Flaviae-Bracara*, parte da qual se estendia através do território transmontano português. É até de supor que essa Legião nunca tivesse estado totalmente concentrada nos seus quartéis permanentes de León. Além disso, a cidade de *Asturica Augusta* a «*magnifica urbs*» de que nos fala Plínio, constituía então o centro para onde se escoava a enorme quantidade de ouro extraído de toda a vasta zona do Noroeste.

Estas tropas legionárias teriam portanto também por missão principal nessa época, dentro das suas várias atribuições de ocupação e segurança de um território cuja população indígena manteve sempre um fermento de rebeldia e uma ânsia de recuperação da liberdade e independência perdidas — a protecção destes distritos mineiros ⁽¹⁾, os quais tão

(1) Garcia y Bellido, «*La Legio VII Gemina Pia Felix y los origines de la Ciudad de León*», Madrid, 1950, págs. 24 e 25.

Claudio alude a discórdias frequentes entre mineiros galegos e asturianos. A população operária das minas exploradas pelos Romanos atingia por vezes números muito elevados: nas minas de prata da região de Cartagena, por exemplo, que eram numerosas e pertenciam ao Estado, trabalhavam, segundo notícia de Estrabão (*Geogr.* III, 2,10) recolhida de Políbio, 40.000 operários escravos.

copiosamente contribuíam para a riqueza do Tesouro romano, que os governadores das províncias do Império abarrotavam de ouro.

*

O *Poço das Freitas*, que também há anos visitamos, é igualmente uma das lavras mineiras de ouro transmontanas, hoje abandonada, e cuja exploração remonta, segundo uma já muito antiga tradição, à

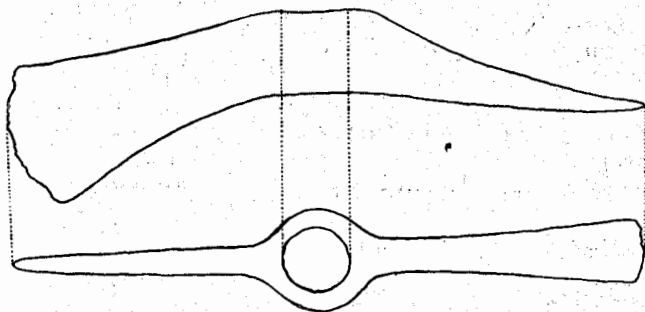


Fig. 11 — Machado-picareta procedente da Velga da Samardã (Freguesia de Três-Minas).

(1/4 do tam. nat.)

época romana. Está situado na região flaviense, a dois quilómetros a NE. da povoação de Sape-los, e a uns dois a três das aldeias de Nogueira e Bobadela, que lhe ficam do lado O., onde existem vestígios de alguns castros, segundo nos informaram.

Desta antiga exploração mineira restam hoje sòmente umas pequenas lagoas, das quais a maior terá uns 100 metros de comprimento por 80 de largo. Encontra-se este Poço das Freitas completamente inundado, e transformado assim numa lagoa, que dizem ser

muito profunda (Fig. 13). As margens, numa estreita faixa junto da água, são pantanosas, mas logo se elevam em rampa íngreme, que atinge cerca de 10 metros de altura acima do nível dessas águas quietas, escuras e traiçoeiras. Na margem do lado nascente erguem-se vários montículos que denunciam perfeitamente, pelo seu aspecto e dispositivo, serem terras removidas pela mão do homem, e não resultantes de qualquer desagregação do terreno, ou seu relevo natural.

A imaginativa popular criou ao Poço das Freitas as habituais lendas, entre elas a de que a mina teria sido inundada pelas águas em virtude de os mineiros, no decorrer dos seus trabalhos, haverem cortado, involuntariamente já se vê, um «*braço de mar*» que ali passava, debaixo da terra. Dizem também que a profundidade da lagoa é tal que já um homem, dentro de um barco, largara no meio dela *sete* cordas de carro de bois, atadas sucessivamente pelas extremidades, e não lhe havia encontrado o fundo. O povo alude a *sete* cordas, e não a qualquer outro número delas, porque o 7 é considerado um número cabalístico e misterioso, de propriedades mágicas. O sentido simbólico deste número tem uma tradição remotíssima. Por exemplo: a Criação do Mundo em seis dias e descanso do Criador ao sétimo; as sete vacas gordas e as sete magras; os sete selos do Livro das Profecias; os sete Sacramentos; os sete pecados mortais. Na história e na lenda: as sete Maravilhas, as sete Partidas do Mundo, os sete sábios da Grécia. No folclore, ainda este número é também muito frequente: sobre a lenda dos *lobishomens*, por exemplo, diz-se que, havendo numa casa sete irmãos, o mais novo será *lobishomem* e «correrá o fado» (*fatum*, fatalidade), galopando toda a noite pelas encruzilhadas sinistras e caminhos desertos, transformado num pavoroso ente apocalíptico, metade homem, metade fera! Nos anexins e expressões populares várias, lá aparece também constantemente o número sete: «quem rouba ladrão, tem sete anos de perdão»; gato de sete folegos; botas de sete léguas; fechado a sete chaves; homem de sete ofícios; bicha de sete cabeças; etc.



Fig. 12—Uma das colunas da ponte romana de Chaves, em cuja inscrição, consagrada ao Imperador Vespasiano, figura, junto aos nomes de 10 povos (civitates) da região, a Legião VII Gémina.

Corre também, com respeito a este Poço das Freitas, a tradição oral de ali ter caído em tempos um carro com os bois atrelados, que se aproximaram demasiadamente da margem, tudo desaparecendo na lagoa para não mais ser visto.

O citado Contador de Argote, referindo-se igualmente, nas suas *Memórias do Arcebispado de Braga*, ao Poço das Freitas, bem como a outras pequenas lagoas que ali existem, diz: «Estas que hoje são lagoas erão no tempo dos Romanos minas de ouro, que elles abrirão e donde tirarão grandes riquezas» (1). E a seguir informa que, no reinado do Cardeal Dom Henrique, ainda de ali se extraía ouro, pois um grande Senhor de Entre Homem e Cávado, Manuel Machado de Azevedo, que então era o proprietário das terras onde se encontram os poços, mandara fabricar com esse ouro três formosos colares com que presenteara o Cardeal e seus dois irmãos, os Infantes D. Fernando e D. Luís, os quais tinham vindo ali, por ocasião do baptizado de um filho daquele fidalgo. O Marquês de Montebelo, que foi embaixador de Filipe III de Portugal em Roma, e escreveu em 1660, exilado em Madrid após a Restauração, a *Vida* desse Manuel Machado de Azevedo, diz, a propósito do Poço das Freitas, que era tamanho que nele poderia «nadar una nau de la Índia Oriental».

*

No lugar de *Outeiro Machado*, que fica situado uns 1.200 metros a N.O. da freguesia de Vale de Anta, nas proximidades da cidade de Chaves, encontra-se uma grande fraga, orientada na direcção N.E.-S.O., completamente cheia de gravuras, talvez em número que ultrapassa três centenas. Essas gravuras foram estudadas há 25 anos pelo Prof. Mendes Corrêa, que sobre elas publicou um artigo (2) onde expôs a sua hipótese de interpretação de tais desenhos.

Estivemos em Outeiro Machado em 1941, e a impressão que nos ficou dessas gravuras rupestres foi a de que, algumas delas pelo menos, representarão

(1) *Memorias*, cit., vol. II, pág. 499.

(2) *Art rupestre en Traz-os-Montes (Portugal)*, «Revue Archéologique», Paris, 1929, tomo XXIX, pág. 121 ss.

instrumentos de trabalho, tais como *pás* (insculturas a que o povo ali chama *colheres*) *machados* (que deram por certo origem ao topónimo *Outeiro Machado*), etc.

Ora, muito perto desta grande fraga, o terreno apresenta uma pronunciada elevação, onde foi praticado um extenso corte vertical, talvez de uns 150 metros de comprimento por uns 20 de altura. Na frente



Fig. 13 — *Poço das Freitas, antiga exploração mineira de ouro, no Concelho de Chaves, actualmente inundada e transformada numa lagoa.*

desse corte e a pequena distância existem numerosos amontuados de terra, que evidentemente resultaram de remoções dali provenientes. A única interpretação admissível a dar a estes vestígios do trabalho humano, praticado talvez em época muito remota, certamente pré-romana, hipótese que o carácter dos petróglifos vizinhos permite aceitar—é a de que se trata de mais uma das numerosas explorações mineiras transmontanas, naturalmente do ouro, como as atrás descritas.

*

Após esta breve digressão através de algumas das actividades mineiras do ouro, que tiveram lugar na região portuguesa de Trás-os-Montes, especialmente durante a época romana, seja-nos lícito salientar que a elaboração de um mapa com a localização de todas as explorações mineiras, dessa época ou anteriores, quer do ouro quer de outros minérios, existentes em toda a Península (1), seria de uma inegável utilidade para um melhor conhecimento das nossas primitivas indústrias metalúrgicas, e das relações de comércio e exportação dos metais da Hispânia para os países do Mediterrâneo Oriental, e, pelo Atlântico, para o norte da Europa. Quanto à produção do ouro em especial, esse mapa teria ainda a vantagem de facilitar possivelmente o conhecimento que nos falta dos principais centros de fabrico e de expansão da nossa ourivesaria arcaica, magnífica indústria primitiva característica de uma das mais importantes e curiosas modalidades da arte indígena peninsular. Porque a Hispânia, e muito especialmente a região do Noroeste, não foi apenas rica do ouro em barra que daqui era exportado em grande escala para Itália (como de nenhum outro país em parte alguma do mundo), mas também incomparavelmente rica e original nas formas típicas da joalharia, que os aurífices

(1) Para a execução deste mapa muito poderá contribuir o trabalho atrás citado de Luis Monteagudo, que localiza várias explorações antigas de jazidas de ouro, prata, cobre, estauho, chumbo, ferro e manganés; e do mesmo modo o artigo também já citado de Luis Saunier, *Acerca de las antiguas explotaciones de oro en España*, publicado no «Boletín de la Comisión Provincial de Mon. Hist. y Artísticos de Orense», Orense, tomo IV (1910), págs. 55 e 97, e tomo V (1911) pág. 11. No respeitante à nossa província do Algarve a obra monumental de Estácio da Veiga contém preciosos elementos (*Antiguidades Mon. do Algarve*, Lisboa, 1889, vol. III). Igualmente, com relação a Portugal, os Serviços Geológicos e os do Fomento Mineiro poderão prestar informes muito valiosos.

peninsulares aqui fabricavam com esse ouro, desde os mais recuados tempos, actividade profissional e artística que infelizmente não possui ainda o estudo que a sua importância merece ⁽¹⁾.

(1) A principal bibliografia sobre a joalharia áurea hispânica encontra-se condensada nos nossos trabalhos — *Jóias arcaicas encontradas em Portugal* (1930), *Um crime de lesa-Arqueologia e de lesa-Arte* (1937), *Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros* (1937), *Uma notável peça de ourivesaria primitiva* (1942), *Antiguidades transmontanas: I — Fragmento de um torques* (1943), *Novo achado de jóias pré-romanas* (1944), *Mais uma achega para o estudo da joalharia pré-histórica portuguesa* (1950); e no importante estudo de Florentino Lopez Cuevilas, *Las joyas castreñas*, Madrid, 1951.